

SUMÁRIO

<i>Pedagogia da transgressão (passados quinze anos...)</i>	7
<i>Prefácio à 1ª edição</i>	21
<i>Introdução</i>	23
1. A TRANSGRESSÃO DO ESPAÇO	27
2. A TRANSGRESSÃO DA BARREIRA EMOCIONAL	43
3. A TRANSGRESSÃO DA COMUNICAÇÃO	49
4. A TRANSGRESSÃO DO CORPO FÍSICO	55
5. A TRANSGRESSÃO DA ORDEM INSTITUCIONAL	59
Transgressão de conteúdos padronizados	60
Transgressão à didática tecnicista	65
Transgressão de uma prática não comprometida	68
6. A TRANSGRESSÃO DE UM UNIVERSO ESTÁTICO	75
7. A TRANSGRESSÃO DE UM SABER DISCIPLINAR	81
8. A TRANSGRESSÃO DA AVALIAÇÃO FORMAL	85
9. A TRANSGRESSÃO DO CORPO ESPIRITUAL	91

<i>Conclusão</i>	99
<i>Bibliografia</i>	107
<i>Apêndice 1: A questão das transformações</i>	109
<i>Apêndice 2: O trabalho e eu</i>	117
<i>Apêndice 3</i>	120

PEDAGOGIA DA TRANSGRESSÃO (PASSADOS QUINZE ANOS...)

Vou tentar desvelar aqui, inicialmente, por meio de alguns depoimentos de alunos ocorridos durante os últimos quinze anos, as “transgressões” que sinto estarem, pelo menos, no caminho...

Uma das transgressões que julgo fundamental para uma *nova educação* é a inclusão das artes no contexto curricular das várias disciplinas, seja nos cursos elementares, seja nos universitários. Sempre busquei, como parte de meu currículo de “transgressor”, trazer para a sala de aula poesias e desenhos de meus alunos, para que eles deixassem suas emoções fluírem, emoções essas sempre prisioneiras das tradicionais “provas e notas” da “escola bancária”, como denunciado por Paulo Freire... Transcrevo, em seguida, uma poesia escrita por uma aluna do curso sobre interdisciplinaridade que ministrei na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), na Faculdade de Educação.

Quem é?

O que é?

Pode existir alguém quebrado?

Separado por partes?

Talvez já tenha existido,

Ou ainda permaneça,

Um resquício de partes.

*Mas uma força entre as partes
As atrai,
Formando um todo novamente.
Afinal, não existem pedaços
De alegria,
De tristeza,
De amor,
De paixão,
De esperança.
Agora existe um todo de sentimentos vividos intensamente que posso denominar Adriana!*

Durante reflexão sobre a interdisciplinaridade, a sensibilidade da aluna percebeu, “interiormente”, a ligação de suas “partes emocionais”, dando origem a essa poesia. A percepção foi concluída com a seguinte expressão: “Sinto-me como se estivesse *nascendo de novo*” (A.M.G. – pedagogia – PUC/SP – 2002).

Outra poesia, também oriunda do curso de pedagogia, foi desenvolvida na disciplina de didática:

*Sou mulher-lua,
Meu brilho vem do sol.
Aceitar minhas fases é meu desafio,
Compreender e assumir meu lugar.
Entre o astro rei e as estrelas e luas: a Criação.
Brilhar intensamente
Para marcar alegria, revelar...
Eis minha vocação!*

A seguir, transcrevo um trecho do trabalho da aluna que criou a poesia anterior:

Tudo que foi feito neste semestre me ensinou quanto é importante estar constantemente aberta ao novo, ao diferente. Quanto é gratificante

acompanhar as transformações das pessoas e as minhas. E quanto é fundamental manter uma contínua disponibilidade para mudar o que não está bom, rever-me e buscar novos caminhos. Isso é viver, é participar da dinâmica de morte e ressurreição, apropriar-se e desapropriar-se. Seus comentários irritaram-me, surpreenderam-me e me fizeram chorar. Por isso foram muito válidos! Se hoje reconheço a importância do olhar, isso se deve a eles. Inclusive, consegui também olhar, como você tanto falou, o *meu sol*, vencer o *medo* e mostrar o que sinto e penso em relação a *ele*. (C.M.S. – pedagogia – PUC/SP – 1999)

A terceira poesia é de uma aluna da mesma turma que a autora dos textos precedentes:

Quem sou eu?

*Sou espaço! Sou amplitude! Sou realizadora!
Que alegria!
Sou capaz de ouvir a melodia de minha própria vida,
Que flui, que nutre e é nutrida pelo Universo.
Sou o ouvir que busca o choro da criança;
O suspiro do amado;
As palavras do amigo,
Dos que lutam para se expressarem.
Sou olhar que se regozija com o movimento da Terra,
Deixando para trás o Sol;
O grande “rei” do sistema é deixado pela vontade da Terra de mover-se!
Sou lágrimas de uma essência
Que às vezes flui para fora dos limites impostos pela forma...
Sou compaixão pelos momentos não vividos.
Sou paixão pelas possibilidades de viver plenamente meus sentidos.*
(R.A.A. – pedagogia – PUC/SP – 1999)

Considerando a “transgressão” por outro ângulo, vejamos como uma aluna sentiu uma “transformação” em sua vida e a forma como a expressou:

Acho que o trabalho do semestre como um todo esteve constantemente me perguntando: você está vivendo plenamente? Você tem encontrado a cada momento razões para viver apaixonadamente? Você pode, como Fernando Pessoa diz em um de seus poemas, ouvir o passar do vento e, só de ouvir o vento passar, acreditar que valeu a pena ter nascido? O seu poema “Estar plenamente vivo” me fez pensar no que significa, para mim, estar realmente vivo, e questionar se, em muitas ocasiões, eu não estaria deixando a vida passar por mim...

Num outro trecho da reflexão, essa aluna acrescenta: “É nesse ponto que vejo a grande ligação entre a didática e o autoconhecimento” [...] (P.P.Z. – pedagogia – PUC/SP – 1999).

Apresento agora um depoimento que deixa claras as “transgressões” vividas e seus “resultados” na formação do aluno. A disciplina que deu origem a tal depoimento foi ministrada também em 1999 e denominava-se “processos educacionais diferenciados”:

Quando entrei na PUC e deparei com a matéria “processos...”, tinha claro que seria uma disciplina, como as outras, cheia de textos, questões, pesquisas, provas etc. Foi difícil “aceitar” uma aula em que toda resposta era certa e tinha seu valor. Foi difícil aceitar que uma das únicas aulas em que o professor não fazia chamada era justamente a aula com menor índice de faltas. O que me incomodava, o que achava “ruim”, foi justamente o que eu precisava para enxergar o meu interior. Descobri até que eu era uma Barbie! [...] Passei a amar meu curso porque nele houve uma mágica: consegui expressar e achar coisas (sentimentos) interiores nunca antes assumidas. Foi no questionamento, na “intriga”, no não entender, no incômodo de não saber – onde você, Ruy, queria chegar – que eu encontrei a resposta: você nos fez parar, respirar e refletir sobre a vida; você nos valorizou, acolheu e conseguiu fazer que olhássemos nossos próprios olhos, nossa própria alma. (R.S. – pedagogia – PUC/SP – 1999)

Derivado dessa mesma disciplina, mais um depoimento, abordando a transformação ou transgressão do “tempo”:

Assim como acontece com todas as criaturas afundadas em sua rotina, o tempo ainda é um dos elementos dominantes em tudo que faço. Admiro a Rê [uma colega] por ter conseguido abster-se do uso dos ponteiros, que giram incansavelmente, noite e dia, nos tornando escravos de seu funcionamento. Talvez por isso não seja capaz de manter a disciplina ao longo da vida; encontro-me numa constante corrida contra os minutos, que escapam-me dos dedos [...]. Acorde, olhe para o céu, fale alto para que todos o ouçam, grite se for preciso, sorria para o homem enfezado, mesmo que não seja correspondido; escolha um dia para não se importar com os comentários alheios, aproveite para dar um abraço nas pessoas de que você gosta – e as quais nunca teve coragem de abraçar –, elogie alguém sem esperar que o elogio seja recíproco, cumprimente o motorista vizinho quando o trânsito for intenso, tome sorvete enquanto todos reclamam do frio, vista aquela blusa fora de moda e, se alguém criticar, diga que o chique é ser autêntico, démodé, cante no corredor e surpreenda-se com a beleza de seu próprio eco, estacione o carro a cinco quadras de seu destino e contemple o caminho, mude o caminho e olhe o entorno, mantenha a calma enquanto todos arrancam os cabelos, leia a coluna de fofocas sem a culpa por um ato frívolo, tome suco ao cair da tarde, ligue para um amigo distante, não importando o motivo: apenas ligue e diga que se lembrou dele, coma um doce, dois se quiser, e deixe para o dia seguinte os efeitos calóricos, desprenda-se das horas, oriente-se pela luz nas janelas, roube um beijo sem pedir desculpas, ouça aquele vinil velho e riscado, resgate as memórias, emocione-se, volte ao presente, olhe para o céu novamente, observe as cores, as nuvens, suas formas e movimentos, ouça mais e fale menos, sente do lado esquerdo ao invés do usual direito, saboreie um hot dog em vez de arroz com feijão, por um breve momento aposente o celular, esqueça os compromissos, mentalize um desejo, olhe para o céu mais uma vez – extasiante, não é mesmo?! Pronto, mais um dia diferente de todos os outros. (F.I. – pedagogia – PUC/SP – 2002)

Voltando à disciplina de didática, apresento o seguinte depoimento:

O que mais pude desenvolver ao longo de nossas aulas foi a minha sensibilidade, que estava perdida, ou talvez não fizesse parte, para mim, da didática

ca. A didática vai muito além de modelos prontos e receitas [...]. No meu estágio pude ter contato com a realidade e ver como tudo isso está perdido. Os professores tratam os alunos como se todos fossem iguais, com os mesmos sentimentos e expectativas. Já vêm com uma receita pronta (BA, BE, BI, BO, BU) e a passam para a lousa, para que o aluno a copie e eles corrijam [...]. Deve fazer parte da didática do professor a compreensão de que o aluno não é apenas um corpo com um cérebro, e sim um ser que possui também um espírito, que é individual. Quando o professor possui essa compreensão de que cada ser é único e aprende a respeitar essa individualidade, sua relação com o aluno fica mais próxima e o ensino e a aprendizagem mais prazerosos. (R.E.C. – pedagogia – PUC/SP – 2001)

Como vimos até aqui, os alunos “acordam” para uma dimensão existencial até então ignorada e que, como dizia Sócrates, é o princípio de toda a sabedoria, ou seja, o “conhece-te a ti mesmo”. De fato, enquanto o processo de ensino-aprendizagem não considerar o autoconhecimento como ponto fundamental para o “educar” do aluno, permaneceremos na já referida “escola bancária”, de acordo com Paulo Freire. Vale salientar que Freire chamava de conscientização, antes da alfabetização, o desenvolvimento dessa consciência de si mesmo e daquilo que ele denominava “mundo-vida”. Lamentavelmente, as escolas permanecem ainda distantes de tal vivência em suas propostas, salvo algumas exceções, como a *pedagogia Waldorf*. Na verdade, são raras as práticas condizentes com a pedagogia preconizada por Freire e, hoje, por Rubem Alves. Aliás, este último autor lançou recentemente um livro denominado *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (Papyrus, 2001), o qual se refere à *Escola da Ponte*, em Portugal, que caminha no sentido de uma educação conscientizadora. No entanto, é claro que existem outras iniciativas, com base no construtivismo, por exemplo, que também buscam dar um passo adiante em relação às escolas tradicionais.

Procurou, perante meus alunos, enfatizar a importância da grande retomada do autoconhecimento feita por Jung, caracterizando o que ele denominava de processo de individuação. Segundo o célebre psi-

quiatra, tal processo se resolvia pela integração do ego com o self. O pensamento de Jung deixa claro que a educação ainda vigente, em sua maior parte, permanece vinculada ao “ego”, algo que se torna evidente se considerarmos o incentivo às competições pelas melhores notas e a “separação” feita entre maus e bons alunos, num processo precário de julgamento. Aquilo que ele chamava de integração do self implica uma volta profunda ao sentido da existência e à singularidade de cada criança.

Tenho para mim que a melhor metáfora para entender o “mistério” do self é o *amor*. Não há nessa minha observação nenhum sentido “religioso”; o trabalho de Jung associa o self, de forma patente, a uma transcendência do ser humano, independentemente de qualquer crença religiosa. Para identificar tal transcendência é que utilizo o termo “amor”. Por quê? Como já deixei claro em outras obras que escrevi – como, por exemplo, *Autoconhecimento na formação do educador* (Ágora, 2007) –, a humanidade, após a explosão das bombas atômicas em 1945, vê o início de um processo de transformação, que Teilhard de Chardin, antes de Freire, chamou de “consciencialização”. Afirmou Chardin (1995, p. 300), em sua obra *O fenômeno humano*, que o ser humano, “após percorrer longamente o caminho da análise, chegava à luminosa síntese”. Essa profunda transformação existencial coincide com o já mencionado trabalho de Jung e, na sequência, com a busca de Paulo Freire na área da educação. Voltando à questão do “amor”, podemos observar que após o ano de 1945 é que surgem pela primeira vez em nossa história as organizações não governamentais, como os Médicos Sem Fronteiras ou a Anistia Internacional, dentre outras. Ora, é exatamente essa “nova consciência”, que implica a integração do self, a responsável por dar origem a tais ONGs... É também nesse mesmo momento que o ser humano “desperta” sua consciência ecológica, atentando para a necessidade de “cuidar do planeta”. Assim, podemos dizer que o “self” tem a conotação de “acordar” o ser humano para uma ação compassiva, implicando o cuidado com o outro e com o planeta. Esse sentido, por sinal também utilizado pelas tradições, indica a transcen-

dência do ser humano. No cristianismo, por exemplo, encontramos o conhecido conceito de que Deus é amor e o ser humano Sua imagem e semelhança. Claro que tal afirmativa, oriunda das tradições, nem sempre esteve presente nas religiões, especialmente antes de 1945, quando a humanidade vivia ainda o que denomino de *adolescência da humanidade*. Entendo que nossa *maturidade* teve início precisamente após o adolescente humano ter percebido que poderia destruir o planeta com as bombas atômicas. De forma curiosa, no mesmo ano de 1945 – sincronisticamente, como diria Jung –, são encontrados no Egito, dentro de uma gruta, documentos de dois mil anos atrás, conhecidos como documentos de Nag Hammadi (em referência ao local onde eles foram descobertos), os quais indicam uma nova fase da vida humana, ou seja, a Idade do Saber – que remete a Sócrates e a sua afirmação de que o “conhece-te a ti mesmo” é o início de toda a sabedoria. Para ilustrar, cito o trabalho de uma aluna de pedagogia, que se volta, exatamente, para tal ponto:

Acredito ser esta palavra a síntese do meu caminho de aprofundamento na sua disciplina: COMPAIXÃO. Essa palavra, para mim, passou a possuir um sabor novo, o de comunhão. Realmente todos nós possuímos uma mesma essência, que nos leva a nos acolher como diferentes. Eu agora digo não a relacionamentos em que um suporta o outro. Eu começo agora pelo desejo de conhecer a mim mesma partindo do outro, que é a visão de nós mesmos. É o amor, como você sempre repetiu para nós, o fundamento e o motivo do nosso viver, e que nos faz sempre livres, saboreando o gosto de viver. (R.B.X. – pedagogia – PUC/SP – 2002)

A observação da aluna a respeito do amor, que “nos faz sempre livres”, associa-se à ideia do “self” como equivalente metafórico do “amor”. Note-se que um pai pode exigir do filho obediência ou respeito, porém exigir amor é impossível... Sim, o amor será sempre fruto de um querer absolutamente *livre*. Ora, se o amor é a metáfora para “explicar” a natureza de nosso self, fica evidente a indicação do “mistério” da *liberdade* como parte de nossa essência.

Tal “mistério” de nossa liberdade está profundamente vinculado à questão do autoconhecimento. Na verdade, nenhum educador poderá obrigar um aluno a se autoconhecer. O que se pode fazer, e é o que tento em meu trabalho, é “provocar” o educando a caminhar em certa direção... Se fosse algo simples, o “anúncio” de Sócrates de que o “conhece-te a ti mesmo” é o princípio de toda a sabedoria já teria levado grande parte da humanidade a seguir nessa direção. Ocorre que, efetivamente, o autoconhecimento é um ato de liberdade, e, portanto, de *amor por si mesmo* em primeiro lugar. É por essa razão que somente após o referido “final da adolescência”, em 1945, foi possível o início do processo de conscientização, que abriu as portas para o conhecer-se a si mesmo. É importante frisar que estamos ainda no início de tal caminho, até porque implica um livre “querer”, ou seja, é impossível, como disse antes, “forçar” alguém a seguir essa direção. Cabe aqui uma curiosa reflexão que diz respeito ao fato de todos os seres vivos “conhecidos” nascerem “prontos”, sendo que somente o ser humano precisa ser “educado” – vale lembrar que “educar” vem do latim *educere*, e significa “tirar de dentro”. Tal reflexão nos leva a uma indagação fundamental a respeito da transcendência do ser humano: *como poderia surgir já pronto um ser cuja essência é a liberdade?* Com essa ideia em mente, podemos começar a perceber o sentido de toda a trajetória da humanidade, iniciando pelo “olho por olho, dente por dente”, até chegarmos à proclamação do “amor pelo inimigo” ou ao autoconhecimento apregoado por Sócrates. Tais “anúncios”, dentre outros nessa direção, dão início, em torno do ano zero, àquilo que chamei de adolescência do ser humano, fase concluída em 1945, quando o adolescente percebe que pode destruir o planeta com a bomba atômica. Ocorre que tal percurso de sofrimentos e guerras resulta da origem do ser humano como um ser portador de “livre arbítrio”, que pode conduzi-lo a “criar ou destruir”. E novamente deparamos com Jung, a quem coube a demonstração da importância do “encontro dos opostos” como caminho para a individuação, que, como já mencionei, refere-se a uma retomada do auto-

conhecimento, já na etapa da maturidade do ser humano, que começou a “tirar de dentro” o sentido profundo da existência. Tudo isso para dizer que a pedagogia da transgressão nasceu dessa minha busca de significado para a vida e da relevância da conscientização referida por Freire, dentre outros motivos.

Nesse sentido, e para exemplificar minhas observações, apresento mais dois trechos de trabalhos de alunas minhas do curso de pedagogia (o primeiro depoimento diz respeito a um exercício que costumava propor, no qual peço aos alunos que olhem os próprios olhos no espelho):

Ruy, em primeiro lugar quero lhe confessar que vinha tentando fazer essa experiência há muitos anos. Só que nunca havia conseguido me olhar por mais que um minuto. E então eu deparei com um exercício que tinha de fazer, não poderia mais fugir. Demorei uma semana para conseguir, foi muito difícil. Sentia medo quando percebia que alguma coisa estava mudando dentro de mim. Então parava de olhar. Na sexta-feira sua aula mexeu muito comigo, e pensei: vai ser hoje. Cheguei em casa à meia-noite, tomei banho, jantei e, quando percebi que só eu ainda estava acordada, resolvi fazer o exercício do espelho. Primeiro senti medo, como de costume, mas fui forte e não parei de me olhar. Depois fui superando o medo e cada vez mais me buscando dentro de meus olhos. Ruy... algo extraordinário aconteceu! Eu pude ver minha alma. Senti uma emoção que jamais conseguirei lhe explicar em palavras. Chorei muito, sorri muito, e o melhor de tudo: pela primeira vez eu me amei muito! Sim, pode acreditar: em 26 anos de vida, foi a primeira vez que me amei de verdade. Sempre me achei feia, sem graça e inferior às outras pessoas. Acho que deve ser por isso que me tornei uma pessoa muito carente. Pensei assim a meu respeito por longos anos, e de repente uma pessoa maravilhosa me aparece, sendo que o mais curioso é que “ela” sempre esteve ali e eu nunca percebi... Como pude demorar 26 anos para me amar e dizer isso com todas as letras, olhando para os meus próprios olhos?! Sempre vivi como se fosse incompleta, parecia que faltava alguma coisa. Agora não me falta nada, sou completa e feliz. Cheguei à conclusão de que ninguém tem o poder de nos fazer felizes a não ser nós mesmos. (E.A.A. – pedagogia – PUC/SP – 2002)

É impossível voltar ao tempo passado para que se possa resgatar algo perdido. O que vale realmente é a consciência adquirida do que se perdeu e a criação de uma disposição para mudar, ou seja, fazer que minha autocompreensão acorde, para que a luz da consciência brilhe em mim. Dessa maneira, naturalmente eu resgato o sentido de mim mesma, pois novos domínios de compreensão, como a investigação, as observações e o olhar, se fazem presentes; por isso é fundamental escrever, para que eu registre meu pensamento a respeito de minhas novas experiências, reescrevendo essas ideias quando necessário [...]. Pessoalmente, o mais importante, sem dúvida, são os questionamentos que faço sobre mim mesma: se os caminhos que estou escolhendo são suficientes para que eu atinja meus objetivos; em que posso melhorar; se estou lidando bem comigo e com as pessoas à minha volta... (L.M. – pedagogia – PUC/SP – 2003)

Tais depoimentos deixam claro o que antes aduzi. O exercício de olhar os próprios olhos no espelho venho realizando com meus alunos com resultados sempre muito significativos, como já fiz constar de outros livros que escrevi, especialmente de *O renascimento do sagrado na educação* (Vozes, 2008). Antes de concluir essa reflexão que venho fazendo na área da educação, que busca dar significado ao percurso “transgressor”, quero mencionar um paralelo importante com a tradição cristã, que pode ser reconhecido considerando-se a seguinte passagem do Evangelho de João (1:9): “Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo homem que vem ao mundo”. Em outras palavras, cada um de nós poderá “iluminar” ou “educar” com a luz que trazemos no nosso interior. É preciso *saber* da existência dessa luz e *querer iluminar*... No fundo, é algo semelhante à metáfora do *amor*. Ainda a questão da liberdade. A conclusão desse percurso realizado, até o momento, é que o grande obstáculo do ser humano não é nenhum “mal” ou “erro”, mas a ignorância a respeito de si mesmo. Tendo consciência disso, podemos perceber a importância da famosa frase que Jesus Cristo proferiu no momento em que estava sendo crucificado, quando se referiu a seus executores: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Transcrevo agora mais um depoimento, para ilustrar as reflexões até agora:

O mais importante para mim foi conhecer uma pouco da C. [nome de uma aluna]. Andávamos tão distantes, e, embora estejamos sempre tão juntas, não a via, não a ouvia, não a sentia há muito tempo; foi um encontro muito significativo, que mudará as duas daqui para frente. Levamos um objeto significativo para nós, e se hoje a pergunta se repetisse – “Qual o objeto mais significativo para você?” –, minha resposta seria outra, seria com certeza o desenho da ferida aberta e do encontro com o Graal. Nada jamais me tocou com tal profundidade, pois aquele desenho sou eu, explica minhas atitudes, virtudes, sentimentos... Foi minha maior expressão, expressei minha alma sem saber, ao fazer um desenho pensando mais no Rei do que em mim, e o Ruy, com sua sabedoria, relatou o que viu no desenho, e naquele momento senti arrepios, meu coração bateu mais forte e eu me encontrei inteiramente. Senti vontade de chorar, não nego, mas também senti alegria, pois foi a primeira vez que uma pessoa falou das minhas atitudes sem crítica, e sim privilegiando a razão, o sentido. Assim, como eu sempre digo, as pessoas têm atitudes que condizem com sentimentos, com motivos, por isso nunca julgue, pois você nunca esteve no coração dessas pessoas para saber o que sentem. Por mais que eu tenha gostado dos demais trabalhos, e sei que aprendi com todos, esse foi o melhor, o auge. É difícil que uma pessoa sozinha, sem esse respaldo que as aulas nos deram, consiga esse nível de percepção de si mesma; percebo que esse processo foi, para mim, difícil no início, tanto em relação a me abrir quanto a me descobrir, mas hoje vejo tudo de um jeito diferente e mais claro. (C.R.S. – pedagogia – PUC/SP – 2003)

A referência que a aluna faz ao Graal e ao desenho feito diz respeito a uma aula sobre o mito do Graal, envolvendo a metáfora da ferida do Rei Pescador, que somente seria curada com a presença do cálice sagrado. Durante essa aula, pedi que, além de uma reflexão escrita, as alunas fizessem um desenho da “ferida” do Rei, e foi essa imagem que tocou a aluna, conforme ela descreveu. Aproveito para insistir que uma das transgressões indispensáveis é a inclusão da arte, especialmente do desenho, no meio educacional como forma de

expressão dos alunos com base em um conteúdo trabalhado. Enfim, apresento um rico depoimento, capaz de expressar o cerne das transgressões trabalhadas:

Novamente dirijo-lhe a palavra (com muita alegria) e hoje digo que tudo é conexão; aliás, essa palavra se tornou muito significativa para mim. É necessário conhecermos a nós mesmos para agirmos segundo a “educação com o outro”, o que geralmente não ocorre. Para muitos professores, os alunos são somente cérebros que devem receber informações; eles esquecem que o aluno também sente, percebe, tem luz e pode refletir essa luz para o mundo. Não consigo conceber a filosofia como algo desprendido do autoconhecimento. E novamente conexão! Tudo é conexão! Como é belo perceber essa imensidão! Essa amplitude, a dimensão! Novamente, tudo é importante, porque aprendi a arte de viver a vida... REALMENTE! Consiste em desfrutar cada coisa, assim como enxergar uma flor no meio do trânsito; enxergar o movimento dos carros como uma dança; enxergar a beleza do olhar no outro com um olhar sincero, um olhar com carinho. Não somente na educação... A vida deve ser assim, vivida PLENAMENTE! (E.A.C. – pedagogia – PUC/SP – 2002)

O autor
Julho de 2010

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO

O homem encontra-se eternamente em busca de segurança, sempre angustiado pelas ameaças advindas dos outros ou de si mesmo. Atormenta-se pela constante possibilidade de doença, morte, infortúnio e miséria. A criança busca proteção na mãe – primeira zona de segurança total –, e por toda a vida o homem, nostalgicamente, buscará na mulher essa paz. A sociedade se mobiliza sempre à procura de meios de segurança para a sobrevivência do homem, e para tanto engendra seus sistemas, como a religião, o direito, a moral.

Assim, da mesma forma que tenta nos proteger, camufla possibilidades íntimas, nossa potencialidade para encarar a vida, nossa condição e nosso poder pessoal de ação – cria uma atitude à qual nos curvamos; subestimando a nós mesmos.

Gusdorf, em seu livro *La vertu de force* (1957), mostra a luta da consciência humana para desenvolver uma dialética da consciência íntima que questione nossas atitudes cotidianas. Essa dialética confluiria para uma retomada do olhar voltado àquilo que nos cerca. Pascal descreve as múltiplas formas que essa conduta humana paradoxal pode assumir, revelando o medo que a pessoa sente de sua própria sombra, quando sua atitude natural é a *fuga*.

Contrariamente à *fuga*, encontramos a *luta*, que revela a força verdadeira, que não exclui fragilidades, pois todo homem tem seus pontos fracos. A força está na *luta* que revela as possibilidades de supera-

ção, na explicitação do que, em nós, existe de inferior, de pequeno. O homem forte não é aquele que vence todos os golpes – isso seria uma simulação de virtude e não a virtude em si –, mas aquele que, a cada golpe da vida, realimenta sua força interior. O forte não é aquele que faz alarde de sua força, mas o que testa o limite de seu poder, ensaiando sempre novas formas de superação das fragilidades. A decisão mais difícil é a de buscar a força em si mesmo. O primeiro movimento parece ser sempre uma busca fora de si. O autoritarismo, a autoestima, a vaidade, o cinismo, sob diferentes formas, recobrem uma mesma angústia, compensada pela busca desesperada de uma transcendência da qual o indivíduo se percebe intimamente desprovido. A forma pela qual Ruy a busca é a *transgressão*.

Transgressão é possibilidade de transcendência, forma de romper com as amarras de toda acomodação que apequena, conduzindo à realização de *utopias* concretas. Transgressão é a consolidação máxima da possibilidade de um novo tempo na educação.

Ruy transgride em sua sala de aula o velho, o triste, o inconformado e o limitado nas questões do conhecimento. Rediscute o valor de cada um, fazendo que seus alunos recuperem o desejo de pesquisar com *autonomia*. A forma poética de seu texto revela-se no seu cotidiano de educador comprometido. Educa com a seriedade dos mais sábios – transgredindo, transformando o triste em alegre, o incompreendido no promissor.

Sua mágica transgressão é a essência de todo trabalho interdisciplinar comprometido.

Ivani Fazenda

INTRODUÇÃO

Um paradigma é tão essencial à ciência quanto a observação e a experimentação. A aderência a um paradigma específico é um pré-requisito indispensável em qualquer empreendimento científico sério.

STANISLAV GROF (1987, p. 2)

Quando estava concluindo o trabalho que originou este livro, os jornais da época noticiavam que haviam estudantes ameaçando colocar bombas nas escolas, por ocasião das provas. Segundo noticiado, foram 143 ameaças de bomba em escolas, conforme denúncias recebidas pela polícia. O então prefeito de São Bernardo do Campo, um dos municípios mais atingidos, declarou que ocorreram (no ano de 1990) vinte ameaças de bomba às vésperas da época de provas (*Folha de S. Paulo*, 26 out. 1991).

Os educadores devem fazer a leitura correta do que está se passando com a educação.

É evidente que os protestos têm causas definidas. O atual sistema de avaliação por meio de provas quantitativas não atende a nenhuma finalidade educacional; ao contrário, exacerba uma competitividade prematura na vida dos alunos e afasta da escola o prazer do aprendizado.

Além da questão da avaliação, sente-se uma perda de qualidade no processo educativo, que muitas vezes não atinge somente a escola pública e acaba nos conduzindo a uma pergunta fundamental: onde o rumo da escola se perdeu?

Em busca da resposta a tal pergunta é que direcionei o trabalho que agora apresento com o nome de *Pedagogia da transgressão*.

As “transgressões” que compõem este livro são, na verdade, tentativas de romper o que denomino de “prática estritamente racionalista” nas escolas.

Quando a física, em particular, e posteriormente a psicologia, a biologia e mesmo a medicina constataram que o cartesianismo não mais servia como paradigma para as novas questões colocadas pelos cientistas, passando-se, então, à busca de um novo paradigma para as ciências, a educação, como um todo, ainda permaneceu vinculada ao velho modelo, salvo pela forma própria de trabalho pedagógico de alguns educadores.

Na verdade, não se trata aqui de atirar no “lixo” da história as conquistas da ciência ou de ignorar o avanço representado pelo cartesianismo. O que ocorre é que a evolução da humanidade nos conduz sempre ao esgotamento de velhos modelos e à construção de novos.

Fui instigado, desde o início de minha docência, pela leitura de Teilhard de Chardin, que abriu meus olhos para o imenso processo evolucionário da humanidade; em particular, influenciou-me sua preciosa obra *O fenômeno humano*, na qual assim expõe a questão: “Depois de se haver deixado prender excessivamente, até cair na ilusão, pelos encantos da Análise, o pensamento moderno habitua-se de novo a encarar enfim a função evolutivamente criadora da Síntese” (1995, p. 300).

Essa concepção – a de salientar a função madura da síntese – e também outras geniais percepções do autor situaram-no como precursor da atual discussão a respeito do novo paradigma das ciências. Tal discussão convida-nos a um permanente movimento de evolução em meio ao chamado processo de conscientização, ou seja, a um movimento de expansão da consciência do homem. É exatamente esse movimento contínuo de evolução que vai caracterizar o novo paradigma das ciências, em contraposição ao modelo newtoniano-cartesiano, que prevê um universo mecânico e estático.

Grof (1987, p. 12), assim situa o problema: “Desde o início do século XX, a física passou por profundas e radicais mudanças, transcendendo a visão de mundo mecanicista e todas as premissas básicas do paradigma newtoniano-cartesiano”.

Essas mudanças na física, provocadas por cientistas como Einstein, Heisenberg e Planck, deixaram patentes o permanente movimento de partículas no universo e a profunda interação do homem como observador diante daquilo que observa.

A repercussão de tais mudanças no que se refere à educação proporciona uma instigante reflexão, a qual me proponho desenvolver no decorrer deste livro. Creio que as novas teorias em educação que possam advir com o paradigma que emerge serão todas caracterizadas pela tendência a firmar uma permanente revisão da prática. Tal característica é muito coerente com um universo que também se revela como um mecanismo em permanente transformação evolutiva. Assim, manterei a denominação deste livro como *Pedagogia da transgressão*, ainda que não se associe a nenhuma teoria no sentido de um “novo modelo para a educação”, mas, sim, a um ponto de reflexão para o estudo do novo paradigma em educação.

Entendo, outrossim, que essa denominação é pertinente pelo fato de as linhas mestras do que seria uma permanente revisão da prática estarem expressas nos capítulos, cada um descrevendo uma das diversas “transgressões”.

Ainda nesta Introdução, quero esclarecer três pontos que entendo fundamentais:

1. quando emprego expressões como “corpo físico”, “corpo mental”, “corpo emocional” ou “corpo espiritual”, não o faço de forma vinculada a nenhuma escola filosófica ou esotérica em particular, mas tão somente no sentido didático de distinguir aspectos do ser humano que entendo fragmentados pelo racionalismo;
2. filio-me a uma visão espiritualista do homem, numa linha desenvolvida por Teilhard de Chardin no sentido de um profundo respeito pelo trabalho da ciência, sem nunca perder de vista a identidade plena do ser humano, que engloba sua espiritualidade;
3. utilizo-me das expressões “holismo” ou “holístico”, apesar de conhecer o risco de desvios provocados por elas, pois entendo que

não podemos temê-las, mas enfrentar seu conteúdo, distinguindo aquilo que queremos dizer de outras possíveis conotações; o sentido em que utilizo essas expressões diz respeito exclusivamente ao significado de sua raiz grega, ou seja, *hólos*: totalidade.

Após tais observações, passo a detalhar as várias “transgressões” que permearam minha prática docente.

I. A TRANSGRESSÃO DO ESPAÇO

Minha primeira experiência docente ocorreu no Colégio Sion, em 1968. O convite inicial era para que eu, como advogado trabalhista que sou, desse uma palestra para as alunas do ensino médio.

A primeira reação que tive a tal convite foi indagar-me: como o tema “sindicalismo” poderia interessar às alunas do Sion? Afinal, na década de 1960, qual seria a relevância desse tema para alunas de uma escola exclusivamente feminina? As freiras, elas sim, passavam na época por uma modernização acelerada (iniciada com as encíclicas do papa João XXIII), mas seria prematuro imaginar que suas alunas pudessem ter abertura suficiente para discussões a respeito do sindicalismo. Mas, se há uma virtude que sempre cultivei é a de nunca recusar novas experiências. Aceitei o desafio e aprendi uma grande lição: embora eu acreditasse que as alunas do Sion pudessem ser alienadas a ponto de não se interessarem por um assunto como o sindicalismo, ficou logo patente que, se a alienação existe em educandos, ela parte sempre do educador. Sim, percebi a avidez com que aquelas alunas que nunca tinham ouvido falar de sindicato prestigiaram minha palestra. Creio que sentiram minha paixão pelo tema e mergulharam no assunto. Tal paixão era decorrente de opção feita no início da década de 1960 pela advocacia obreira, após cinco anos de trabalho com a advocacia civil. Percebido que minha vocação como advogado passava (e isso vale até hoje) pela defesa daqueles que precisavam prioritariamente de auxílio

legal, dada sua situação dentro da sociedade. O sindicato na época ainda era frágil, mas significava, no contexto brasileiro de então, o primeiro passo no sentido da organização dos mais fracos.

Essa questão da paixão está profundamente vinculada a toda reflexão que pretendo levar a termo. Refere-se à consciência que o educador deve ter das várias leituras que o educando faz em sala de aula: ele sem dúvida faz uma leitura das palavras ouvidas, assim como dos olhos do educador, e aí, evidentemente, transparecerá a emoção, a paixão do educador em sua tarefa de educar. O educando faz, da mesma forma, uma leitura dos gestos daquele que lhe fala, e creio que não haja dúvida sobre a importância dessa linguagem não verbal. Analisando o fato, paro para avaliá-lo e constato: o que fiz foi parar para me perceber, para me autoconhecer, na expectativa, em seguida, de conhecer o que as outras pessoas pretendem conhecer. E assim o educador deverá permanentemente aprofundar seu nível de autoconhecimento, para que de forma global possa estar presente em sala de aula. Esse nível de autoconsciência do educador será sempre fundamental.

O fato é que o resultado daquela palestra foi o início de um trabalho de dez anos, desenvolvido numa disciplina denominada “atualidades”, que era ministrada a todas as classes do colegial e do magistério. O curso na verdade privilegiava o trabalho com os valores ocultos nos fatos, ou seja, o esclarecimento da realidade à luz dos valores implícitos. Assim foi com o tema “sindicalismo” na palestra e assim prosseguiu nos anos seguintes, buscando extrair o sentido dos principais acontecimentos e estruturas da sociedade.

Sempre procurei mostrar aos educandos o fio condutor comum a todos os acontecimentos, conceito que posteriormente encontrei na obra *Natureza e espírito*, de Gregory Bateson:

O padrão que liga. Por que as escolas não ensinam quase nada acerca do padrão que liga? Será que os professores sabem que trazem consigo o beijo da morte, o qual tornará insípido tudo o que eles tocarem, e que por isso eles são sensatamente relutantes e então se negam em abordar ou a ensi-